

PAULO CÉSAR DE OLIVEIRA

Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

Uma escolha difícil

Como o caro leitor escolhe em quem vai votar, não apenas para presidente, mas para todos os demais cargos? Conhece propostas, a capacidade do candidato em viabilizá-las? Conhece as propostas defendidas pelos partidos e que, teoricamente pelo menos, são as que os candidatos devem seguir? E finalmente, dentro do quadro político brasileiro, o caro eleitor é capaz de saber o que ser de direita ou de esquerda? Faço todas estas perguntas para entender como os eleitores estão decidindo os seus votos.

Pelos programas eleitorais confesso que penso ser

PAULO JOSÉ CUNHA

Jornalista, professor e escritor

Em vez de chorar o leite derramado, que tal mudar do leite pro vinho?

Todas as vezes que uma grande derrota se abate ou ameaça se abater, a esquerda se apeg a um repetitivo rosário de lamentos e acusações. Nunca, nunca teve a humildade de fazer um mea culpa. Entre as acusações, a primeira é contra uma tal “mídia hegemônica”, seja lá o que isso signifique nos dias de hoje. Até porque faz tempo que a mídia de mercado, se um dia foi hegemônica, nos dias de hoje de hegemônica não tem mais coisa alguma. Agora, por exemplo, diante dos resultados desastrosos do primeiro turno, muitos esquerdistas renitentes se esquecem que o cenário midiático mudou da água pro vinho. Só agora, depois que o leite, a água e o vinho começaram a derramar, a esquerda parece que acordou para a importância de apostar mais fichas nas redes sociais. O deputado André Janones (Rede-MG), por exemplo, saiu na frente por conta própria e convocou o “Exército de Lula”, que vem dando bons resultados. E foi preciso que uma menina de apenas 21 anos, a deputada eleita pelo PT de Minas, Ana Elisa, a mais votada no estado, desse o grito: “A esquerda perdeu foi nas redes”. E ela fala de cadeira, pois no meio digital pulou de 1,9 milhões de seguidores para mais de 5,4 milhões. E foi graças às redes digitais que obteve sua

LIN CHIA-LUNG

Ministro das Relações Exteriores de Taiwan

Conexões em Risco

Você já parou para pensar em como a sua conexão de internet atravessa os oceanos? Longe dos olhos de todos, uma teia invisível de cabos submarinos e tubulações de energia repousa no fundo do mar, conectando continentes. Essas infraestruturas transportam quase a totalidade dos dados do planeta e garantem o funcionamento diário de bancos, redes elétricas e comunicações globais.

Nos últimos anos, uma onda de incidentes na Europa, no Atlântico Norte, na Ásia e no Pacífico acendeu o sinal de alerta entre os governos. Danos provocados por ação humana revelaram uma realidade clara: na era digital, quem controla esses fluxos invisíveis influencia o próprio funcionamento do mundo e o destino das nações. Assim, os cabos submarinos deixaram de ser meros equipamentos técnicos para se tornarem ativos estratégicos vitais da geopolítica mundial.

Nenhum lugar sente essa vulnerabilidade tão de perto quanto Taiwan. Por ser uma ilha, sua sociedade e sua economia dependem visceralmente dessas conexões para se integrar ao planeta. No

impossível. Não conheço o desenvolvimento e as promessas nas campanhas, em segundo turno, para escolha dos governadores de cinco estados e no Distrito Federal. O que vimos nas campanhas do primeiro turno, e estamos assistindo nas de segundo turno, certamente não sustentam a escolha de um nome. São campanhas vazias, com promessas absolutamente inexequíveis, ou de difícil compreensão pelo eleitor. Promessas comuns tanto ao grupo que se autodenomina de direita quanto ao de esquerda.

Até aqui, nesta eleição, certamente não são as propostas como todo que têm conquistado votos. Pequena parte do eleitorado, os mais abastados, pode estar baseando seu voto nem propostas ou para que segmento da socie-

estrandosa vitória.

É nas redes que hoje a informação é impulsionada aos milhões de postagens. Elas assumiram o protagonismo midiático. Uma pesquisa da CNT/MDA, antes do primeiro turno da eleição, concluiu que quase 46% dos eleitores pretendiam se informar sobre o processo eleitoral pelas redes sociais. Apenas 34% disseram que iriam se informar pela tv. Ou seja: só um terço do eleitorado. Os que disseram que se informariam pelos sites de notícias somaram apenas 8,5%. E o rádio ficou com míseros 3,1%. Detalhe: é no rádio e na tv que é veiculada a propaganda eleitoral gratuita. Se o horário gratuito já vinha tendo audiência residual, agora mesmo desabou de vez. Pesquisas indicam que durante o horário eleitoral, mais da metade dos televisores ficam desligados. Isto sem falar na redução estrutural da audiência do rádio e da tv nas últimas décadas.

Então, que diabo de “mídia hegemônica” é esta? Chegam a ser até cansativas as acusações à Tv Globo, sistematicamente apontada como responsável por uma suposta apologia dos atos da direita. A Globo não ficou infensa à redução de audiência. Vem sofrendo queda atrás de queda. Só para dar um exemplo: hoje, o Jornal Nacional patina nos 27% de audiência (e continua em queda). O JN era o telejornal que até os anos 90 abocanhava quase a totalidade dos televisores ligados no horário. E que fique claro: a Globo e as Organizações Globo como um todo não são “santinhas”. Apoiou, sim, o golpe militar de 1964. E teve de se retratar e reconhecer esse apoio como um “erro”. Teve de fazer o mesmo em relação à edição tendenciosa do debate Collor x Lula.

dade o candidato formula suas propostas. A grande massa do eleitorado vai pela simpatia, exatamente como fez no primeiro turno, quando escolheu, em sua maioria, ou bem perto disto, os que vão compor os parlamentos federais e estaduais através das redes sociais.

O que será do país, ninguém pode prever. Flávio e Lula fazem, como n primeiro turno, uma campanha de radicalismos. Flávio garante que vai promover um “tesouraço” nos impostos, reduzindo a receita, ao mesmo tempo em que garante que manterá, e ampliará despesas com sociais. Lula também fala em cortar impostos e aumentar despesas com o social. Fora isto, a campanha segue o mesmo caminho de radicalismos do primeiro turno. A escolha, certamente, não será por uma proposta.

Ou seja: de santinha não tem nada, né? Embora nunca tenha se assumido de direita. E olha que atualmente alguns canais se apresentam como ostensivamente de direita. Entre eles a Jovem Pan News, a Rede Record (controlada pela Universal do bispo Macedo), e a Rede Tv, entre outras. Mas estas nunca são citadas pela esquerda como responsáveis por alguma derrota. Mas quase por uma espécie de acomodação, a culpa por tudo o que acontece de ruim para os governos de esquerda é atribuído nominalmente à... Tv Globo.

Passa da hora de mudar essa toada. Ou, simplesmente, fazer um sincero mea culpa, como bem fez a recém-eleita deputada Ana Elisa. Ela simplesmente reconheceu que a campanha do PT no primeiro turno foi equivocada por insistir em aplicar recursos nos modelos clássicos de propaganda pela mídia tradicional. Ou usando velhos métodos de carreatas, comícios etc, em detrimento do uso massivo da difusão de propostas pelas redes sociais. E ela tem razão. Exemplo: o PT gastou 8 vezes menos que o PL em mídias digitais. Enquanto a direita, há muito tempo, já tinha aprendido que o mundo mudou, e que comícios em cima de carroceria de caminhões viraram relíquias jurássicas em tempos digitais. Ficar xingando essa tal de “mídia hegemônica”, à frente da tal colocam a Globo, não leva a parte alguma. Ou leva: ao descrédito e à perda de tempo e de recursos aplicados em mídias que há muito tempo foram simplesmente escanteadas pela audiência, leia-se: pelo eleitorado. O mundo mudou. E é preciso se adaptar aos novos tempos ou a vaca comodamente vai continuar caminhando rumo ao brejo. Ao brejo... da direita.

lares interconectados. O primeiro é a redução de riscos, focada no aprimoramento da capacidade de emergência e do suporte transnacional. O segundo é o intercâmbio de informações, voltado à troca contínua de inteligência sobre ameaças e alertas precoces. O terceiro promove a reforma sistêmica, revisando as regulamentações nacionais e internacionais frente a ameaças híbridas. Por fim, a construção de conhecimento foca na capacitação profissional e nos intercâmbios práticos entre equipes técnicas.

Para operacionalizar essa visão, Taiwan fomenta a cooperação em múltiplos níveis: político, administrativo e de inteligência. Em parceria sólida com EUA, Japão, Austrália e países europeus, busca integrar a segurança dos cabos à agenda democrática global, compartilhar informações sobre embarcações suspeitas, aplicar novas tecnologias de proteção e utilizar a Estrutura Global de Cooperação e Treinamento (GCTF).

Os cabos submarinos são bens públicos globais e linhas vitais para as sociedades democráticas. Taiwan está pronta para atuar como nó central da rede internacional de segurança, salvaguardando as artérias estratégicas que mantêm o mundo conectado.